



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

CAMILLA DE LIMA FERRÃO

**EDUCAÇÃO FÍSICA: DISCUTINDO AS EXPRESSÕES DE GÊNERO NO
ÂMBITO ESCOLAR**

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

CAMILLA DE LIMA FERRÃO

**EDUCAÇÃO FÍSICA: DISCUTINDO AS EXPRESSÕES DE GÊNERO NO
ÂMBITO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Pedagógicos e Socioculturais.

Orientadora: Profa. Dra. Jozilma de Medeiros Gonzaga

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F373e Ferrão, Camilla de Lima.

Educação Física [manuscrito] : discutindo as expressões de gênero no âmbito escolar / Camilla de Lima Ferrão. - 2022.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Jozilma de Medeiros Gonzaga , Departamento de Educação Física - CCBS."

1. Educação Física escolar. 2. Gênero. 3. Sexualidade.
I. Título

21. ed. CDD 613.7

CAMILLA DE LIMA FERRÃO

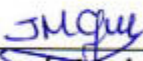
**EDUCAÇÃO FÍSICA: DISCUTINDO AS EXPRESSÕES DE GÊNERO NO
ÂMBITO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Pedagógicos e Socio-culturais

Aprovado em: 30/11/2022

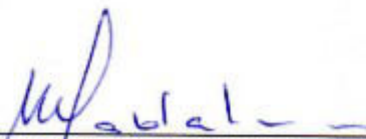
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Jozilma de Medeiros Gonzaga (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Elaine Melo Brito Costa (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Mirian Werba Saldanha (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	05
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	05
2.1	GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE.....	05
2.2	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	07
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
	REFERÊNCIAS.....	18

RESUMO

A Educação Física como disciplina escolar pode ser abordada em uma perspectiva sociocultural, que tem a possibilidade de trabalhar e adequar seu trato de acordo com as multiplicidades de gênero e sexualidades encontradas na sociedade. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi refletir sobre como as diferentes formas de expressão de gênero e de sexualidade são tratadas nas aulas de Educação Física. Os objetivos específicos foram: compreender a forma que os professores lidam com a expressão e diversidade de corpos nas aulas de educação física; analisar como são trabalhadas as questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e como a Educação Física pode se transformar em um ambiente acolhedor e inclusivo. Foi realizada uma pesquisa de campo de caráter exploratório, de abordagem qualitativa em uma escola do município de Campina Grande – PB. Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista presencial com professores de Educação Física que estão presentes no município de Campina Grande. Após análise das falas dos professores selecionados para as entrevistas, foi possível perceber que as diferentes formas de expressões de gênero e de sexualidade dos alunos não são trabalhadas de forma priorizada pelos professores, visto que, as metodologias utilizadas em suas aulas são as de abordar os conteúdos da Educação Física de forma aleatória, sem muito planejamento. Ainda, existem inúmeras dificuldades para o enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, por parte dos professores, principalmente nas aulas de Educação Física, uma vez que deveria tratar de valores e normas culturais que estão extremamente enraizadas na sociedade, famílias, hierarquias escolares e, conseqüentemente, nos alunos. Nesta perspectiva, a escola é responsável por discutir a cultura e valores de uma sociedade, sugerir e executar propostas pedagógicas que irão unir os conteúdos da Educação Física com aprendizagens e ideais externas à instituição escolar.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Gênero.

ABSTRACT

Physical Education as a school subject can be approached from a sociocultural perspective, which has the possibility of working and adapting its treatment according to the multiplicities of gender and sexualities found in society. In this sense, the objective of this study was to reflect on how the different forms of expression of gender and sexuality are dealt with in Physical Education classes. The specific objectives were: to understand how teachers deal with the expression and diversity of bodies in physical education classes; to analyze how gender and sexuality issues are worked in the school environment and how Physical Education can become a welcoming and inclusive environment. An exploratory field research of qualitative approach was carried out in a school in the city of Campina Grande - PB. For data collection, we used face-to-face interviews with Physical Education teachers who are present in the city of Campina Grande. After analyzing the speeches of the teachers selected for the interviews, it was possible to notice that the different forms of expressions of gender and sexuality of the students are not worked in a prioritized way by the teachers, since the methodologies used in their classes are to approach the contents of Physical Education randomly, without much planning. Still, there are numerous difficulties for the teachers to face the gender issues present in the school culture, especially in Physical Education classes, since it should deal with values and cultural norms that are extremely rooted in society, families, school hierarchies and, consequently, in the students. In this perspective, the school is responsible for discussing the culture and values of a society, suggesting and executing

pedagogical proposals that will unite the contents of Physical Education with learning and ideals external to the school institution.

Keywords: Physical Education; School; Gender.

1- INTRODUÇÃO

As relações de gênero vêm se moldando na sociedade com base em características biológicas entre homens e mulheres, porém, essas relações já passaram e continuam a passar por processos de mudanças sociais e culturais, uma vez que a sociedade em que o indivíduo está inserido irá determinar valores e projetar estereótipos pré-estabelecidos, a partir de um conjunto de ações e de imagens. Segundo Auad (2006), o modo como essas relações de gênero está organizado em nossa sociedade, se torna uma máquina de promover desigualdades.

Nesse sentido, as determinações sociais acerca das questões de gênero, que incidem sobre os comportamentos e atitudes associados ao feminino e ao masculino não necessariamente estão relacionadas à questões de sexualidade, todavia, se torna muito presente na sociedade o ato de projetar de forma pejorativa e indevida, ações que se encaixem em um padrão para determinar a homossexualidade, uma vez que, os símbolos e os significados que norteiam as sociedades contemporâneas são produtos de uma linguagem inserida em uma cultura que ainda tem como base a heteronormatividade¹.

No que se refere ao contexto escolar, conforme Carvalho (2009) com a ajuda de um currículo heteronormativo, o ambiente da escola tem reforçado as diferenças e desigualdades, uma vez que, a escola é responsável pela inserção ou ausência de conteúdo, assim pode tornar-se um agente facilitador na compreensão das diferenças. Desse modo, a escola sendo uma instituição social, ela está inserida em um contexto que sofre interferências externas, mas que também exercerá esse papel de influência, ao mesmo tempo em que é um local de posicionamento e de processo de identificação social.

Dentro do contexto escolar, a Educação Física se constitui como um componente curricular que permite ao professor a possibilidade de trabalhar as diversas formas de expressão de gênero que se inserem no ambiente da escola, que se torna uma representação da realidade social que já possuímos, a partir de toda sua abrangência no campo acadêmico quando nos referimos a cultura corporal. O professor pode possibilitar a partir de sua metodologia de aula e escolhas na aplicabilidade dos conteúdos da disciplina de Educação Física, meios que tornem a disciplina prazerosa e inclusiva.

Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo refletir sobre como as diferentes formas de expressão de gênero e de sexualidade são tratadas nas aulas de Educação Física e como objetivos específicos: Compreender a forma que os professores lidam com a expressão e diversidade de corpos nas aulas de educação física; analisar como são trabalhadas as questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e como a Educação Física pode se transformar em um ambiente acolhedor e inclusivo.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- Gênero, Corpo e Sexualidade

¹ Heteronormatividade é um termo utilizado para se especificar práticas, situações e pessoas em um conjunto de normas já dadas e intituladas como referências de uma determinada sexualidade, sendo nesse caso a heterossexualidade.

Discutir sobre relação de gênero deve ser um caminho que toma como análise a luta das mulheres por igualdade. A mulher sempre foi colocada em local de passividade e domesticabilidade, sendo esses alguns dos motivos da segunda onda do feminismo no final dos anos 1970 no Brasil, vinculados a pacifistas e ao movimento negro da época, em que a luta pela liberdade sexual e direito ao próprio corpo eram pautas que mulheres da época buscavam constantemente debater.

Nessa mesma concepção, Do Prado (2010, p. 407) evidencia que:

O conceito de gênero foi utilizado primeiramente pelo Movimento Feminista Contemporâneo na década de 1970. Esse movimento se lançou em formalizar a indignação das mulheres devido a sua omissão e submissão histórica em diversos setores da sociedade.

Falar sobre camadas sociais que estão atreladas as relações de gênero, é falar justamente de uma cultura sexista que vai direcionar qual será o papel do homem e qual será o papel da mulher em determinada sociedade, todos os símbolos e significados envolvendo ambos os gêneros são resultados de uma cultura que deixa claro como se perpetua uma linguagem corporal, uma separação de tratamentos, divisão salarial, separação social e comportamental em nosso cotidiano, que se perpetuam, visto que são atitudes e pensamentos que estão enraizados na nossa cultura.

Lira, Santos, Silva (2018, p.2) afirmam que “A desigualdade de gênero encontrada na sociedade se perpetua até a escola e tende a influenciar na separação de meninas e meninos durante as aulas de Educação Física”, basta analisar como são divididas as turmas em fileiras para a volta da sala de aula, muitas vezes a divisão se dá por gênero, as atividades e o posto que cada aluno toma em determinadas atividades pode ser uma forma de analisar como essa separação se mostra presente desde os anos iniciais, se algum desses alunos se desvincula desse estereótipo e foge do “padrão”, se torna trabalho do professor, não só a busca pela quebra de pequenas atitudes que reforçam essa perspectiva sexista e segregativa já tão enraizadas, como também a de tornar o ambiente da sala de aula acolhedor para todos os alunos, principalmente, para aqueles que tendem a fugir dessa normatização social pré-existente.

Para conseguir compreender a importância de se falar sobre como as pessoas performam o seu gênero de formas distintas em sociedade, é necessário ter o olhar atento a como esses corpos que fogem à norma, são tratados e olhá-los como corpos políticos, em como as relações de poder e seu estruturalismo vão definir quais corpos importam e o porquê de alguns estarem em posição de exclusão, se esses mesmos corpos são usados para emitir opiniões ou influenciar ações, eles podem sim serem considerados políticos, a partir deles representaremos valores e atitudes sociais, seja em conformidade ou oposição a predominância cultural preexistente. Segundo Goellner (2015, p. 135)

O corpo é produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. (...) é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz.

O corpo de uma mulher com estereótipo masculino ou um homem com estereótipo feminino, são corpos que causam estranhamento e impactam, mas basta analisar a história de colonização do Brasil para entender como ainda persiste em sociedade um valor simbólico para cada corpo, um exemplo simples seria analisar como o corpo negro é simbolizado e tratado ainda hoje. Segundo a cofundadora da Abayomi e procuradora federal Chiara Ramos, “existe a compreensão de que os nossos corpos são corpos políticos, o corpo de uma mulher negra em uma posição, transitando em instituições e em posições não subalternas, é um corpo

que choca, e um corpo que destoa” (informação verbal), assim como também os corpos transgêneros, o corpo de uma travesti, por exemplo, é um campo de batalha, um corpo que é oprimido mas que se torna uma arma na luta pelo respeito e o direito de ser, viver e existir.

Comparar o valor social de cada corpo é uma maneira simples de mostrar a forma intensa que a desigualdade racial, de gênero e sexual está internalizada na sociedade e quais corpos são tratados com maior importância. Quando falamos de corpos que importam, nos referimos a uma comparação indivisível com os “corpos trágicos” que são aqueles que são frutos da desigualdade, exclusão, violência e pobreza.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (GOELLNER, 2003, p.20).

Podemos perceber que alguns corpos tendem a sofrer por apenas existir, corpos que performam sua identidade de gênero de forma oposta ao que culturalmente se associa ao corpo de um homem e de uma mulher, nesses casos, muitos tendem a confundir gênero e sexualidade, muitas vezes relacionando-os de forma errônea.

Nesse entendimento, Bronzatti (2014, p.13) enfatiza que,

(...)o conhecimento não científico ou com tabus à sexualidade e sexo, acarreta dificuldades de relacionamentos, atividades preconceituosas e que com o conhecimento adequado, possibilita segurança autonomia em eleger seus valores, tomar decisões e ampliar seu conhecimento como expressão própria de respeito e responsabilidade nas diversidades.

Assim, a autora vem relatar ainda que a partir das aulas de Educação Física os alunos serão levados a compreender de forma abrangente os seus sentimentos e desejos de forma que respeitem o colega, onde o professor irá trabalhar valores e conceitos a partir de atividades com o intuito de focar no corpo, nos sentimentos, na autoestima e no prazer, fazendo correlação com a sexualidade (BRONZATTI, 2014).

2.2 Educação Física Escolar

A Educação Física é uma disciplina escolar, que possui como um de seus principais fundamentos a cultura corporal, dentro dela podemos encontrar a expressão corporal, onde estará englobada tudo que envolva o corpo do indivíduo em processo de ação passiva ou ativa com o mundo. Uma vez que,

“Expressão corporal é uma maneira de comunicar-se com o mundo ao nosso redor, pela qual podemos transmitir nossos sentimentos e emoções através de movimentos corporais” (MARTINS, VOLSKI, 2014, p.1).

Quando tentamos definir a Educação Física como prática pedagógica, precisamos levar em consideração que ela se insere em um contexto social que em sua predominância possui ainda hoje um ensino tradicional, ou seja, sofre total influência das histórias e das culturas de sociedades ainda marcadas pelo machismo, homofobia e desigualdades sociais e de gênero. Diante disso, precisa ser levado em questão as formas em que os conteúdos da disciplina estão sendo abordados, é necessário que a cultura corporal se insira em uma metodologia que consiga unir a realidade social a temas e conteúdos da Educação Física. De acordo com o Coletivo de autores (1992, p. 38)

“Desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de

representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas”.

Sendo assim, para compreendermos o contexto atual em que a disciplina se encontra, precisamos entender que a Educação Física passou por processos de mudanças que refletem no decorrer do tempo a sociedade que ela está inserida, por meio de fatos que marcaram a Educação Física e o esporte em sua trajetória, algumas delas deixando bem claro seu propósito e viés tradicional e rígido.

Dessa forma, De Oliveira (2004, p. 13) enfatiza em sua análise da *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos* que

[...] dada a “essência” de um regime autoritário, a educação física no Brasil também foi pensada numa perspectiva de controle social. [...] A educação física confundia-se com a formação moral. Mas prevaleceu a antítese dessa vertente. Ou seja, o esporte foi a coroação de um mundo de competição, concorrência, liberdade, vitória, consagração. Sugerido de forma exclusiva pelos órgãos oficiais para a educação física escolar, ele carregava toda a simbologia de um mundo de lutadores e vencedores.

Foi ainda durante o governo Vargas que se instituiu a limitação da prática de modalidades esportivas liberadas para mulheres, segundo o Decreto-Lei Federal n. 3199, art. 54 de 14 de abril de 1941 “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”

Reforçado mais uma vez suas perspectivas sobre a Educação Física durante a ditadura militar, tirando como base ainda a *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, De Oliveira (2004, p. 13) reforça que

[...] a revista mostrou-se uma fonte bastante rica, pois seus textos são indicativos de uma época de transição na educação física mundial. O debate mundial apenas chegava ao Brasil naquele momento; em outros termos, o Brasil inaugurava, por assim dizer, um debate acadêmico sobre os benefícios da educação física. Certamente já houvera em outros tempos um debate semelhante, mas em torno de um projeto de purificação e higienização. O que se vê no interior da revista é um debate em torno da desumanização da sociedade e das práticas culturais em geral.

Com o início da ditadura militar em 1964 e com seu carácter rígido, movimentos femininos foram criados para defender os interesses das mulheres enquanto cidadãs. A esse respeito Carvalho (2021) destaca no blog “Damas do Esporte” que “em janeiro de 1965, passados apenas cerca de nove meses desde o golpe militar de 64, os jornais anunciavam que o então Conselho Nacional de Desportos (CND) – extinto em 1993 – havia decidido proibir o futebol feminino”.

Sobre o assunto, Carvalho (2021) ainda ressalta que:

(...) naquele mesmo ano, em agosto, em sessão presidida pelo general Eloy Massey Oliveira de Menezes, outras modalidades esportivas também ficaram proibidas às cidadãs, como lutas em geral, futebol de salão, futebol de praia e *baseball*. Esse decreto só foi revogado em 1980. Durante esses 15 anos de proibição legal, as mulheres presenciaram algumas demonstrações claras do preconceito: enquanto vivenciavam a conquista dos homens na Copa do Mundo de 1970, elas mesmas sequer podiam praticar o esporte.

Portanto, é evidente que no decorrer de fatos que marcaram não só a sociedade, mas também o rumo da Educação Física no Brasil é notório um forte carácter sexista, além de eugenista e esportivista, características essas que representam os interesses da instituição de poder que é o Estado, onde essa ideologia se perpetua em sociedade e conseqüentemente em instituições de ensino.

Considerando a trajetória dos esportes e um forte carácter esportivista no decorrer da história da Educação Física, é possível notar que como disciplina escolar ela não seguiu por um caminho tão distante. Seria importante e até mesmo mais eficaz que tivéssemos uma Educação Física Escolar com fundamentos partindo de conhecimentos corporais populares e de suas variadas formas de expressão cultural, com o intuito que seus alunos possuam pensamentos críticos e autônomos quanto a cultura corporal (DAOLIO, 1996).

É notório que há uma herança cultural tecnicista que persiste em se perpetuar na Educação Física Escolar e que dá margem para que seja reproduzido em sua prática de forma naturalizada socialmente e por profissionais da área. Pode-se dizer que essa prática seria o olhar para o homem como objeto de estudo e trabalho inteiramente biológico, que apenas se constitui de partes anatômicas perceptíveis e palpáveis para treinamento.

Dessa forma, Daolio (1996, p.41) enfatiza que,

(...) por considerar o corpo somente como entidade biológica, a Educação Física Escolar atua homogeneamente, tendendo à universalização de seus procedimentos metodológicos. O pressuposto é o de que o corpo, sendo um conjunto biológico, responderá sempre da mesma forma, porque os homens possuem corpos muito semelhantes. Isso talvez explique a padronização das aulas de Educação Física.

Segundo Betti e Zulliani (2002) não é aceitável, mas é compreensível, que a Educação Física tenha sido manipulada como uma atividade complementar, em que teria por objetivos a eugenia, preparação de atletas e interesses militares, uma vez que por muito tempo ela se perpetuou assim devido a tradição educacional brasileira.

É nessa perspectiva que pensar o corpo de cada aluno enquanto cultura fomentará maiores perspectivas para as aulas de Educação Física e possibilitará uma maior abrangência dos conteúdos, considerando os interesses e limitações de cada alunado, sempre lembrando “que não é somente a expressão biológica do nosso ser atual, mas a expressão significativa da história do corpo do homem entre os homens. Cada homem é em si a história do Homem, resíduos e vestígios de sua longa e plural história” (ALMEIDA, 1994, apud SOARES, 1996, p.7) que agregará para o manejo da disciplina.

Assim, nessa mesma direção, podemos pensar com Daolio (1996, p.41), no sentido de que:

Essa tradição cultural, no entanto, tem se mostrado perversa para um grande contingente de alunos, que estão sendo aliados da Educação Física ou sendo subjugados nas aulas, em nome de uma excelência motora que só alguns são capazes. É comum ouvirmos pessoas adultas falando de sua experiência de Educação Física com muita tristeza ou com muita raiva. Pessoas que ficaram à margem das aulas, e que não possuem hoje autonomia para usufruir da cultura corporal.

Nesse contexto, é fundamental que o manejo da disciplina por parte do professor resgate o contexto social em que o aluno está inserido e busque compreender cada alunado como indivíduo, que irá sentir e se expressar de forma única, “o professor de Educação Física deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir e o seu relacionar-se na esfera da cultura corporal de movimento. Esta intensidade e modalidade de prática corporal foram adequadas para mim? Fizem-me sentir bem? Foram significativas para mim?” (BETTI, 1994a, 1994b, apud BETTI; ZULIANI, 2002, p.75-76)

Dessa forma, percebemos que a persistência de uma abordagem tecnicista, e centrada apenas no coletivo, muitas vezes pode não só excluir alunos que fogem das normas socialmente impostas de padronização de gênero, como também reforçar uma perspectiva da Educação Física para poucos. É dever não só do professor, mas também, das instituições escolares darem o aparato necessário para que essa quebra de estereotipação ocorra.

Há necessidade de que a escola, como importante agência de socialização, seja capaz de fornecer subsídios para uma educação que permita o questionamento de

determinadas representações. Pois, muitas vezes, por não possuir estes aparatos, a própria escola acaba reforçando também os modelos e padrões que prejudicam um processo socializador que contribua com a igualdade e a autonomia, sobretudo, no que diz respeito à formação das identidades de gênero e racial (BARBOSA, 1987, apud AUAD; CORSINO, 2012).

Podemos constatar que as separações de meninas e meninos nas aulas de Educação Física e nos convívios sociais, são fruto de uma ideia de que o gênero está inteiramente ligado ao sexo. "Nessa perspectiva, as diferenças de habilidade motora entre meninas e meninos, meninas e meninas, meninos e meninos poderiam ser apenas diferenças sem necessariamente serem hierarquizada a partir do sexo dos sujeitos e das construções de gênero com as quais os sexos masculino e feminino são interpretados" (AUAD; CORSINO, 2012, p.3).

Se tratando de assuntos que abrangem as questões de gênero e sexualidade, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em sua atual versão de 2017 não aborda o termo gênero em nenhum momento relacionando-se a orientação sexual, Todavia, esse tema foi inserido de forma transversal nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) com interesses exclusivamente na saúde, levando em consideração que foi acrescentado por conta da crescente de casos de gravidez na adolescência e por conta do medo do aumento de casos de contaminação de HIV. De toda forma, essa inserção no contexto escolar, foi uma abertura para que professores pudessem trabalhar o tema da sexualidade em suas aulas. (DE ARAÚJO, 2022, p.269)

Sendo assim, é imprescindível que a Educação Física Escolar busque a partir de suas aulas trabalhar seus conteúdos de forma humanizada, trabalhando conteúdos como as ginásticas, danças e lutas, conteúdos esses que têm a possibilidade de trabalhar o corpo de forma livre e com outras perspectivas, para que assim o docente amplie seu repertório de aula para além do futebol e voleibol, abordando a realidade da instituição e de cada aluno, para que dessa forma consiga aproximar e trazer identificação na vida do aluno, tornando uma disciplina acessível para todos.

3- METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como pesquisa de campo de caráter exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa de campo, se baseia na coleta de fenômenos de uma realidade estudada. Enquanto seu caráter exploratório, “busca se familiarizar com os fenômenos surgidos durante a pesquisa, explorando os próximos passos mais profundamente e com mais precisão” (PRAÇA, 2015). Possuindo, ainda, abordagem qualitativa, na qual os resultados não são interpretados de forma estatística.

Participaram do estudo, dois professores de Educação Física inseridos e atuantes em uma escola estadual do município de Campina Grande-PB e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com cada participante, com perguntas divididas em três categorias, sendo elas “perfil do professor”, “estrutura das aulas” e “estudantes que fogem à norma de gênero e sexualidade”, a entrevista foi realizada de forma presencial, na instituição de ensino selecionada para a pesquisa.

A princípio a instituição escolhida para a pesquisa seria outra, porém com a falta de interesse da gestora da instituição com a pesquisa em questão e em decorrência da dificuldade no contato com uma segunda escola, acabamos por conseguir acesso à terceira instituição que tinha-se como opção, onde o gestor agiu de forma solícita e deixou a critério dos professores da escola decidirem se participariam ou não das entrevistas.

Uma vez que foi feita a visita com a direção da instituição, de forma presencial, foi passado o contato de três professores de Educação Física da escola, que nesse caso não era a totalidade de professores de Educação Física da escola, visto que, um dos profissionais estava de licença maternidade, dessa forma, foi realizada a assinatura do Termo de Autorização Institucional (TAI). A pesquisa se iniciou apenas após aprovação do comitê de ética da Universidade Estadual da Paraíba, CAAE n. 63464122.1.0000.5187.

Em seguida foi realizado o contato via “*WhatsApp*” com cada um dos três professores e aceitação de dois deles para participação na pesquisa, foram agendados horários e local para a realização das entrevistas, de acordo com a disponibilidade de cada participante. A entrevista foi realizada de forma individual com cada professor, na própria instituição de ensino selecionada para realização do estudo em questão.

Após realização das entrevistas com os professores foram analisadas as respostas obtidas e categorizadas para melhor compreensão e discussão dos resultados.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com objetivo de esclarecer como os docentes selecionados para a entrevista se expressaram, foi representado em 5 quadros separados por pontos principais que os interligam, a seguir, perguntas e respostas consideradas importantes para análise:

4.1- PERFIL DO PROFESSOR

Quadro1:

Pergunta 1: Qual sua orientação sexual?	
<p>Professor 1: “Quanto a orientação eu nunca trabalhei, eu sou flexível, sou muito aberto, eu não coloco barreiras nas ideias dos alunos (...) Não tenho, não tenho orientação não, é aberto (...) quando um aluno vem dizer ‘professor sou bissexual’ é uma certeza muito grande, eu tento tocar na mente dele pra saber, será que isso mesmo ou é uma nuvem que tá passando na sua mente? (...) sou aberto, sou tranquilo”.</p>	<p>Professor 2: “Essa identidade de gênero se refere.... como assim?(...) eu pergunto por que a gente têm casos aqui, ai a gente fica sem saber como lidar, meio constrangedor, eu não interfiro na ‘opção’ de ninguém né, mas eu acho que deve ter um respeito quando eu entro na sala de aula, você entra e aluno com aluno se beijando.’ Quanto a outra pergunta eu sou hétero”.</p>

Fonte: Elaboração própria 2022

Em relação à questão que envolve um pouco do “perfil do professor” (pergunta 1), foi inicialmente utilizada como parte do processo de análise para identificar questões que possam ser fundamentais para compreender as metodologias utilizadas, dessa forma, esse ponto foi escolhido como um dos processos da entrevista por ser considerado importante conhecer os professores selecionados para a pesquisa em questão, visto que, não só a formação como profissional mas também a formação como pessoa e a forma como lidam com suas próprias questões pessoais influenciariam indiretamente na forma como tratam das relações interpessoais dos alunos entre si e em sala de aula, como também influência na forma que são administradas e ministradas as aulas, tendo em vista que cada pessoa traz para sua vida e na forma como lida com as situações e pessoas, toda uma cultura adquirida durante sua trajetória.

Nessa mesma concepção, Madureira (2007, p. 18) retrata que:

Considerando o papel fundamental das universidades públicas brasileiras na formação docente (em todos os níveis educacionais), pretende-se, em última

instância, construir conhecimentos que possam ser integrados à formação básica e continuada de professores(as), no que se refere ao desenvolvimento de competências para lidar com a diversidade na escola e, de forma mais específica, com as questões de gênero e sexualidade. Para tanto, é importante partirmos das concepções e crenças de quem está ‘com a mão na massa’, ou seja, os(as) professores(as) que estão em sala de aula e que têm um contato direto com os(as) alunos no cotidiano das escolas.

No processo de realização da entrevista ao ser questionado sobre sua orientação sexual (pergunta 1) foi possível perceber que o professor 1 ficou confuso quanto a pergunta em questão e precisou de maior especificidade sobre a pergunta. Quando questionado a respeito da sua orientação sexual, foi notado que em nenhum momento o entrevistado 1 se sentiu desconfortável, mas ao contrário disso, ele reforçou que não coloca barreiras quanto a sua orientação em particular. Foi possível notar também que ele procurou reforçar que não impõe, estimula ou proíbe qualquer tipo de orientação sexual que seja possível notar uma maior performance entre os alunos.

Durante os questionamentos do ponto “perfil do professor”, notou-se a falta de uma educação contínua para esses professores, visto que cada um possui mais de 10 anos de sala de aula e apenas o professor 1 informou ter feito especialização após a graduação, porém, não teve continuidade no decorrer dos anos.

4.2- ESTRUTURA DAS AULAS

Quadro 2:

Pergunta 2: Suas aulas são trabalhadas de forma mista ou separadas por gênero?	
Professor 1: “Todas as aulas são mistas, não há separação”	Professor 2: Professor 2: “São mistas, meninos e meninas (...) mas assim independente disso o Estado hoje, o horário de aula está no horário das outras disciplinas, ai tem um outro problema pra gente muito grande, os meninos não vêm adequados para a Educação Física, ai o que acontece, tem aluno que diz que não vai fazer, ai nem você produz nada e nem produz pra quem quer, pra quem quer a gente utiliza o horário de treinamento da gente...”
Pergunta 3: As atividades propostas são trabalhadas de forma homogênea ou são propostas atividades diferentes dependendo do gênero?	
Professor 1: “Eu ofereço para eles jogos de quadra, jogos de mesa e caso eles não queiram, eles podem ficar só com a teoria”	Professor 2: Professor 2: “Sim, como existem os livros didáticos, utilizamos eles como apoio (...) tem na prática, teórico é todo mundo junto, geralmente não temos material didático, as meninas pediram para botar a rede de vôlei, ‘volezinho’ para elas”.

Fonte: Elaboração própria 2022

Posteriormente foi possível perceber uma contradição na fala do “professor 1” na (pergunta 2), quando ele relata as brincadeiras que os alunos tiram com ele mesmo, em comparação com respostas posteriores (pergunta 6) feitas para os dois professores, quando se trata na questão de inclusão e de bullying envolvendo os alunos da instituição.

Tendo em vista que aulas mistas são aulas que possuem a participação tanto de meninas quanto de meninos nas atividades propostas pelo professor, em que essa aula mista não se dá apenas por ser um mesmo conteúdo para os dois grupos de alunos, mas sim por possuir em sua metodologia o trabalho dos conteúdos e atividades de forma partilhada e misturada entre meninos e meninas. “É importante notar que apenas ‘misturar’ meninos e meninas, sem propor atividades que promovam a ruptura com as tradicionais e hierarquizadas relações de gênero em nada contribui para o término das desigualdades” (AUAD, 2019, p.76).

Quando vamos analisar as falas do “professor 1” vimos que ele identifica que suas aulas são trabalhadas de forma mistas apenas por deixar livre aos alunos escolherem suas próprias atividades durante a aula, dessa forma podendo escolher os colegas que socializarão, é preciso ter em mente que o planejamento da aula e as atividades devem ser elaboradas pelo professor buscando alcançar um objetivo em seu desenvolvimento. Em relação ao “professor 2” ele relatou que suas aulas são realizadas de forma mista, mas logo após ressalta que apenas em aulas teóricas os meninos e as meninas participam de forma conjunta. “A ‘mistura’ de meninas e meninos no ambiente escolar é insuficiente para o término das desigualdades. Isso só irá ocorrer quando, além de garantir a convivência entre os sexos masculino e feminino, também forem combatidas a separação e a oposição dos gêneros masculino e feminino” (AUAD, 2019, p.55).

4.3- ESTUDANTES QUE FOGEM ÀS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Quadro 3:

Pergunta 4: É possível notar a separação dos alunos por grupos? Se sim, consegue descrever diferenças perceptíveis de um para o outro?	
<p>Professor 1: “São poucos, mas têm. Agora aumentou mais, as meninas nessa direção, a gente coloca ...não é barreiras, eles podem chegar pra gente ‘professor o senhor tá sendo homofóbico’, eu digo não, o tratamento aqui não tem nada a ver, poderia ser uma menina se beijando, um menino, agora bora separar que já estou vendo que o amor já tá bem elevado aí(...)é perceptível sim”.</p>	<p>Professor 2: “Tem grupo específicos sim”.</p>

Pergunta 5: Consegue perceber algum aluno ou aluna que se interessem por atividades que fujam do interesse da maioria do seu gênero?	
<p>Professor 1: “Eu noto sim, tem muitos deles que querem, não gostam de</p>	<p>Professor 2: “Tem, a gente até tenta montar um time de futsal para elas,</p>

<p>futsal por exemplo e aí querem o voleibol. Meninas que querem o futsal também mas são poucos (...) mas uma questão mais natural né, questão de explosão, dos hormônios, eu digo ‘tragam uma lista pra mim, mas tem um porém, tem que ter o tênis de futsal, não basta querer jogar, os meninos ali jogam descalços, vocês vão ter o interesse de jogar no calor, na quadra quente, com calo nos pés?’”.</p>	<p>mas não tem meninas suficientes, eu tenho um 6º ano da tarde que tem duas meninas que descem para jogar futsal e os meninos dizem ‘professor, aqui elas não jogam’, aí eu brigo com eles, ‘aqui é inclusão, se elas não jogarem, vocês não jogam e quem vai tirar os times são elas’”. (...) Às vezes eu jogo um desafio, ‘quem aí topa fazer um grupo de danças aí? (...) todos se envolvem”</p>
<p>Pergunta 6: Em relação a esses alunos, é possível notar se eles estão inseridos em algum grupo de amizades da sua turma ou se são mais excluídos?</p>	
<p>Professor 1: “Aqui a exclusão não tem não, tá tudo tão liberal aqui, aqui na escola não tem, não mais esse bullying antigo, de um mexer com o outro, questão de gênero, aqui é tranquilo na escola”</p>	<p>Professor 2: “Tem grupo específicos sim, tem meninos que querem vôlei, não tem exclusão, até a baleada é legal, os meninos não excluem, eles só dizem assim “quero jogar tal modalidade”</p>

Fonte: Elaboração própria 2022

Tendo em vista que aulas mistas são aulas que possuem a participação tanto de meninas quanto de meninos nas atividades propostas pelo professor, em que essa aula mista não se dá apenas por ser um mesmo conteúdo para os dois grupos de alunos, mas sim por possuir em sua metodologia o trabalho dos conteúdos e atividades de forma partilhada e misturada entre meninos e meninas, ou seja, suas aulas são com todos e para todos simultaneamente. “É importante notar que apenas ‘misturar’ meninos e meninas, sem propor atividades que promovam a ruptura com as tradicionais e hierarquizadas relações de gênero em nada contribui para o término das desigualdades” (AUAD, 2019, p.76).

Quando vamos analisar as falas do “professor 1” vimos que ele identifica que suas aulas são trabalhadas de forma mistas apenas por deixar livre aos alunos escolherem suas próprias atividades durante a aula, dessa forma podendo escolher os colegas que socializarão, é preciso ter em mente que o planejamento da aula e as atividades devem ser elaboradas pelo professor buscando alcançar um objetivo em seu desenvolvimento. Em relação ao “professor 2” ele relatou que suas aulas são realizadas de forma mista, mas logo após ressalta que apenas em aulas teóricas os meninos e as meninas participam de forma conjunta. “A ‘mistura’ de meninas e meninos no ambiente escolar é insuficiente para o término das desigualdades. Isso só irá ocorrer quando, além de garantir a convivência entre os sexos masculino e feminino, também forem combatidas a separação e a oposição dos gêneros masculino e feminino” (AUAD, 2019, p.55).

Vimos ainda, como é destoante as respostas da (pergunta 5) com as respostas da (pergunta 6), quando o “professor 2” relata que os alunos não aceitam que as meninas participem das equipes de futsal e ao mesmo tempo ele vem dizer que não existe exclusão e bullying dentro da instituição. Em relação ao “professor 1”, notamos por sua fala que existem alunas interessadas em formar equipes de futsal, mas, mesmo assim, ele questiona a vontade e o quanto estão dispostas a praticar o esporte, colocando até empecilhos para que pratiquem, nesse tipo de situação é dever do professor ao ver interesse de seus alunos por tais práticas, incentivar e achar métodos para facilitar a imersão daquela modalidade para a situação em que estão inseridos.

Segundo Prado e Ribeiro (2016) cabe ao professor de Educação Física questionar o porquê do aluno se recusar a participar de algumas vivências corporais, se existe receio de mais uma exclusão social, frente aos colegas. Ainda, o docente deveria ter capacitação para intervir frente a essas situações, pois, obrigar o aluno a participar de certas atividades, pode provocar experiências negativas e sem significados, assim como também não possibilitar que o alunado tenha acesso a certos conteúdos e até mesmo a disciplina de educação física de forma ampla, para que assim a prática da disciplina se torne inclusiva e acessível para todos os seus discentes.

Dessa forma, precisamos ter o olhar atento quanto ao trato da disciplina e quanto ao interesse dos alunos para com os conteúdos, por mais que devamos propor atividades com que todos possam participar e ter acesso ao máximo de conteúdos possíveis, é preciso que o professor tenha o olhar atento ao despertar de interesse de seus alunos por conteúdos, para que assim possa dar a possibilidade que eles se desenvolvam também naquilo que estão dispostos a praticar e que gostam. É fundamental que as aulas sejam trabalhadas no ponto de vista coletivo mas também é extremamente importante que as questões individuais sejam abordadas e levadas em consideração.

Quadro 5:

Durante entrevista, um dos professores ressalta sua experiência com os alunos:

Professor 1: “Eu como professor tento orientar e dar o apoio, que o mundo você sabe, vai encontrar barreiras” “muitas vezes eu chego aqui com a camisa do São Paulo e os alunos falam ‘chegou a biba’, ai eu digo “meu amigo, não se envolva não, você que está no mundo da dúvida’, ai começam a rir.” “o cabelo grande também eu digo ‘meu amigo, quando você adotar seu estilo, vai ter barreiras” se eu for trazer o que os meninos me chamam de biba e “esse cabelinho...” eu levo na brincadeira”.

Fonte: Elaboração própria, 2022

Posteriormente foi possível perceber uma contradição na fala do “professor 1” na (pergunta 2), quando ele relata as brincadeiras que os alunos tiram com ele mesmo, em comparação com respostas posteriores (pergunta 6) feitas para os dois professores, quando se trata na questão de inclusão e de bullying envolvendo os alunos da instituição, se eles consegue dizer que os alunos tiram brincadeiras com o próprio professor apenas por ter um cabelo grande, então é possível se questionar quanto ao tratamento dos alunos para com seus colegas de turma.

Considerando que questões relacionadas a gênero e sexualidade não eram discutidas nas escolas, há uma necessidade de trazer a temática de orientação sexual em ações pedagógicas, visto que, é um tema que abrange não só causas pedagógicas, mas também sociais. Todavia, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) trouxeram apenas de formas transversais o trato dessa problemática.

A instituição escolar é, notadamente, um ambiente que agrega pessoas de diferentes contextos no âmbito social, econômico, cultural, religioso, gênero, etnia etc. Essa diversidade corroborou para que as escolas passassem a implementar ações direcionadas à reflexão sobre gênero e sexualidade nas instituições de ensino durante os vinte e três anos de existência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (DE ARAÚJO, 2022, p.270).

Assim como na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), em sua versão mais atualizada sendo a de 2017, o termo gênero direcionado à orientação sexual, foi excluído, mesmo sendo usado muitas vezes a palavra no documento, em nenhuma dessas vezes o termo está relacionado com as preocupações sobre a diversidade, isso mostra como as questões de

gênero e sexualidade são deixadas de lado e consideradas questões secundárias e até mesmo dispensáveis do trata da escola..

...é possível afirmar o quanto é importante dialogar sobre as temáticas envolvendo gênero e sexualidade na escola a fim de ressignificar algumas construções da nossa cultura que vêm sendo disseminadas ao longo dos anos, e o quanto elas se fazem presentes nos currículos escolares, dificultando a permanência de todos de forma saudável, tornando este ambiente avesso a algumas identidades e, por considerarmos que para uma escola e um currículo humanizado, eles devem contemplar essas múltiplas identidades, é que continuamos oferecendo resistência a esses grupos conservadores que têm atrapalhado a concepção de uma escola verdadeiramente inclusiva. (DA SILVA; FUNARI; JUNQUEIRA; MARASCHIN; MELLO, 2020, p.159).

Torna-se fundamental que o professor tenha sensibilidade para compreender a necessidade de abordar em suas aulas, através dos conteúdos da Educação Física, maneiras que proponham essa imersão de temas como a diversidade, englobando assim a orientação sexual em seu contexto, para que o ambiente escolar possa trazer o trato de assuntos que impactam na vida de seus alunos e que estão presentes em sociedade.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi exposto, pudemos perceber que as diferentes formas de expressões de gênero e de sexualidade dos alunos não são trabalhadas de forma priorizada pelos professores, visto que, as metodologias utilizadas em suas aulas são as de abordar os conteúdos da Educação Física muitas vezes de forma “solta”, sem objetivos delimitados para a realização das atividades, que muitas vezes são escolhidas de forma avulsa para completar lacunas. Onde o mais indicado seria o professor buscar intervenções pedagógicas como método e estratégia docente para quebrar com os preconceitos gerados socioculturalmente trazidos pelos alunos de ambientes fora da escola e perpetuados dentro dela.

É notório que os professores quando questionados a respeito de suas abordagens, com relação aos alunos que fogem a norma ou que buscam por atividades que diferem do padrão de escolha de seu gênero, justificaram falando ou que os alunos são livres para escolherem suas atividades, questão que mostra a falta de planejamento e estrutura de aula, como também relatam a falta de alunos que se interessem em praticar determinada modalidade esportiva que é uma questão a ser repensada, visto que, os conteúdos da Educação Física Escolar devem ser abordadas de forma pedagógica.

Dessa forma, fica evidente a importância de uma educação contínua para os professores de Educação Física, visto que, com o tempo esses profissionais não puderam se atualizar com demandas que afligem o ambiente escolar atualmente, para que dessa forma eles possam se especializar e criar possibilidades de aperfeiçoar suas aulas com conteúdos e assuntos que hoje em dia impactam a vida de seus alunos e que não eram questões que se tinham uma visibilidade antigamente.

Sendo assim, tanto meninos quanto meninas devem participar das propostas de aula em conjunto, de forma que não apenas um conteúdo ou modalidade seja preferencialmente trabalhada em aula, em que muitas vezes mostram só o lado esportivista da Educação Física e apenas conteúdos como futebol, voleibol, handebol e basquetebol são selecionados como conteúdo. O professor pode ainda se utilizar das ginásticas, danças e lutas como partes da cultura corporal, que inclusive facilitariam a abordagem de temas como gênero e sexualidade durante a aula e ajudariam a incluir alunos que não se enquadrem aos outros conteúdos mais padronizados, por possuírem maior abertura para trabalhar questões mais amplas sobre o corpo que incorporem a diversidade.

Existem inúmeras dificuldades para o enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, por parte dos professores, principalmente nas aulas de Educação Física, uma vez que deveria tratar de valores e normas culturais que estão extremamente enraizadas na sociedade, famílias, hierarquias escolares e, conseqüentemente, nos alunos. Se considerarmos que toda essa estrutura limita o poder do professor de intervenção por meio de suas aulas, precisamos lembrar que é a partir da escola que uma grande parte da cultura e dos valores da sociedade são perpetuados, sendo assim, é possível propor e executar propostas pedagógicas que irão unir os conteúdos da Educação Física com aprendizagens e ideais externos à instituição.

REFERÊNCIAS

- AUAD, D.; CORSINO, L. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. Cortez Editora, 2017.
- AUAD, D. **Educar meninas e meninos: Relação de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final**. Brasília, DF, 2018.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista mackenzie de educação física e esporte, v. 1, n. 1, 2002.
- BRONZATTI, R. B. **Educação Física e Sexualidade: Entendimento Necessário**. In: CADERNOS, P. D. E. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. v.1. (Cadernos PDE). ISBN 978-85-8015-080-3.
- BUTLER, J. **Corpos Que Importam: os limites discursivos do " sexo"**. n-1 edições, 2020.
- GONÇALVES, Carlos Henrique Rego; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. **Transidentidades para uma educação física acolhedora**. Movimento, v. 27, 2022.
- CARVALHAR, D. L. **Relações de gênero no currículo da educação infantil: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos**. 2009.
- CARVALHO, L. A. Ditadura Militar e a Proibição do Futebol Feminino, **Damas do Esporte**, 01, Abril.2021. Disponível em: <<https://damasdoesporte.com.br/?p=3452#:~:text=Em%20janeiro%20de%201965%2C%20passados,decidido%20proibir%20o%20futebol%20feminino>>.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, J. **Educação física escolar: em busca da pluralidade**. Revista Paulista de Educação Física, p. 40-42, 1996.
- DA ROCHA MATOS, N. *et al.* Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: **uma revisão sistemática**. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016.
- DA SILVA, J. C. *et al.* GÊNERO E SEXUALIDADE NA BNCC: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA FREIREANA. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 152-176, 2020.
- DE ARAÚJO, L. C. M. Gênero e sexualidade na bncc: possibilidades para implementação da disciplina educação para sexualidade na educação básica. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 8, n. 1, p. 263-286, 2022.
- DE OLIVEIRA, M. A. T. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, 2004.
- DEVIDE, F. P. *et al.* Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, p. 93-103, 2011.
- DO PRADO, V. M.; MIRANDA RIBEIRO, A. I. Gêneros, sexualidades e educação física escolar: um início de conversa. **Motriz: Revista de Educação Física**, p. 402-413, 2010.
- DUARTE, K.; NEGRINI, C.; OLIVEIRA, A.; RIZOLLI, M. **Um corpo como campo de batalha: resistências contemporâneas**. 2018.

- FABRIS, A. **O corpo como território do político**. Baleia na rede, v. 1, n. 6, 2009.
- GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 19, p. 45-52, 2013.
- GOELLNER, S. V. **A produção cultural do corpo**. In LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana. (orgs) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- GOELLNER, S. V. **Corpo**. In: **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, 2015.
- LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.
- LIRA, J.; SILVA, A.; SANTOS, A. **Separação por gênero nas aulas de educação física: uma revisão sistemática**. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista / Guacira Lopes Louro**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LOURO, G. L. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MADUREIRA, A. F. A. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. 2007.
- MARTINS, L.; VOLSKI, V. **Para Além dos palcos: Expressão corporal nas aulas de Educação Física**. In: CADERNOS, P. D. E. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). ISBN 978-85-8015-080-3.
- PRADO, V. M. RIBEIRO, A. I. M. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 97-114, Jan./Abr. 2016.
- PRAÇA, F. S. G. Metodologia da Pesquisa Científica: Organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista eletrônica Diálogos acadêmicos**. v.08, n. 01, p. 72-87, julho 2015.
- RAMOS, C. **Nosso corpo é arma política, fala antes de abrimos a boca, diz cofundadora do coletivo Juristas Negras**. Entrevista concedida a Renata Galf. Folha de S.Paulo, Nº33.470, Novembro, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/nosso-corpo-e-arma-politica-fala-antes-de-abrimos-a-boca-diz-cofundadora-do-coletivo-juristas-negras.shtml?origin>>
- SILVA, Tarcísio Augusto Alves da. **Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar**. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 21, p. 344-354, 2021.
- SOARES, C. L. **Educação Física escolar: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, p. 6-12, 1996.
- TELES, M. A. A. **Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura**. Revista Estudos Feministas, v. 23, p. 1001-1022, 2015.

AGRADECIMENTOS

À minha família por seu apoio incondicional durante todo meu processo de formação como pessoa até aqui e por serem peças fundamentais em minha vida.

À Morgana Guedes Bezerra por ter me dado apoio de inúmeras formas diferentes em minha formação como futura professora de Educação Física e por sua importância inestimável em minha vida, você é minha inspiração diária como pessoa e como profissional.

A todos meus colegas de curso pelo companheirismo, apoio e trocas que tivemos todos esses anos de formação, em especial a minha querida amiga Gabriela Araújo de Oliveira, por ter sido uma pessoa inesquecível em minha vida, obrigada pelos 4 anos breves e intensos que tive a chance de compartilhá-los com você, sua falta é inestimável.

Ao Judô UEPB por ter me dado a oportunidade de conhecer o esporte, ter ajudado a me conhecer mais, por ter feito eu me sentir livre para ser uma parte de quem sou.

Aos professores do Departamento de Educação Física da UEPB, por terem acrescentado significativamente em minha vida e em minha formação.

À minha orientadora Jozilma, às professoras da banca, Elaine e Mirian, por terem se disponibilizado em agregar e colaborar com este trabalho, e por serem sem sombra de dúvidas pessoas e profissionais que possuem toda minha admiração.

À Educação Física por ter se tornado o ponto de mudança em minha vida.